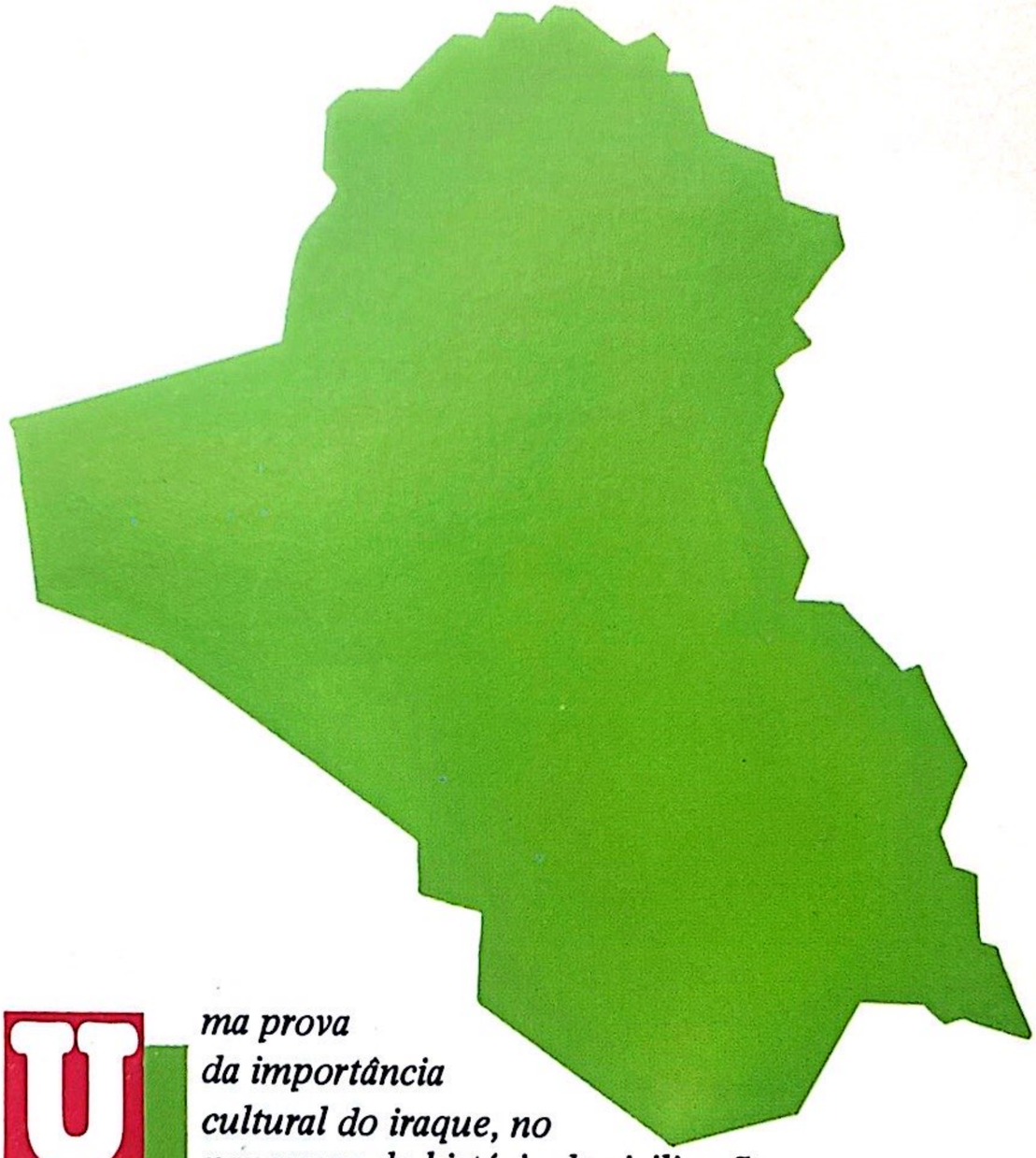
IRAQUE

**Exposição de sua cultura,
artesanato e atualidade,
de 10 a 18 de abril de 1985,
na Universidade do Distrito Federal:
Av. W/4 Sul - Q. 704,
Brasília - DF**

**Departamento de Imprensa
da Embaixada do Iraque**



Uma prova da importância cultural do iraque, no panorama da história da civilização universal, é fornecida pelo fato de que, sobre sua superfície física, de apenas 438.446 km^2, foram descobertas, até esta data, 10.000 reservas arqueológicas, prodigiosos rastos do esplendoroso "ontem" do país, nos tempos iniciais de sua vida que começam no período paleolítico, há mais de 100.000 anos.

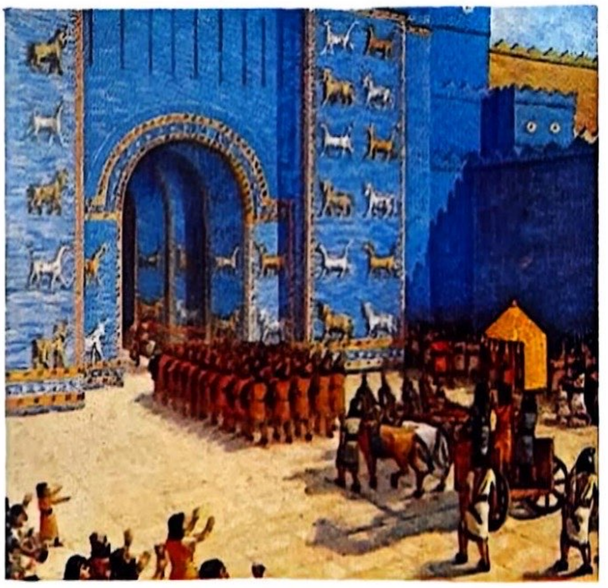
Foi na terra iraquiana, com efeito, que o homem iniciou a prodigiosa aventura de estabelecer-se, de criar uma comunidade, de iniciar o ABC da convivência pacífica, do diálogo construtor. Faz 8.000 anos, já no período neolítico, o homem nascido no Iraque aprendeu a construir casas e a situá-las de modo que com o passar do tempo, erigiram verdadeiros povos agrícolas e pastores. Dali surgiriam as primeiras cerâmicas, hoje herança cultural dos oleiros bem como a pedra esculpida e a lã tecida de seus rebanhos de ovelhas.

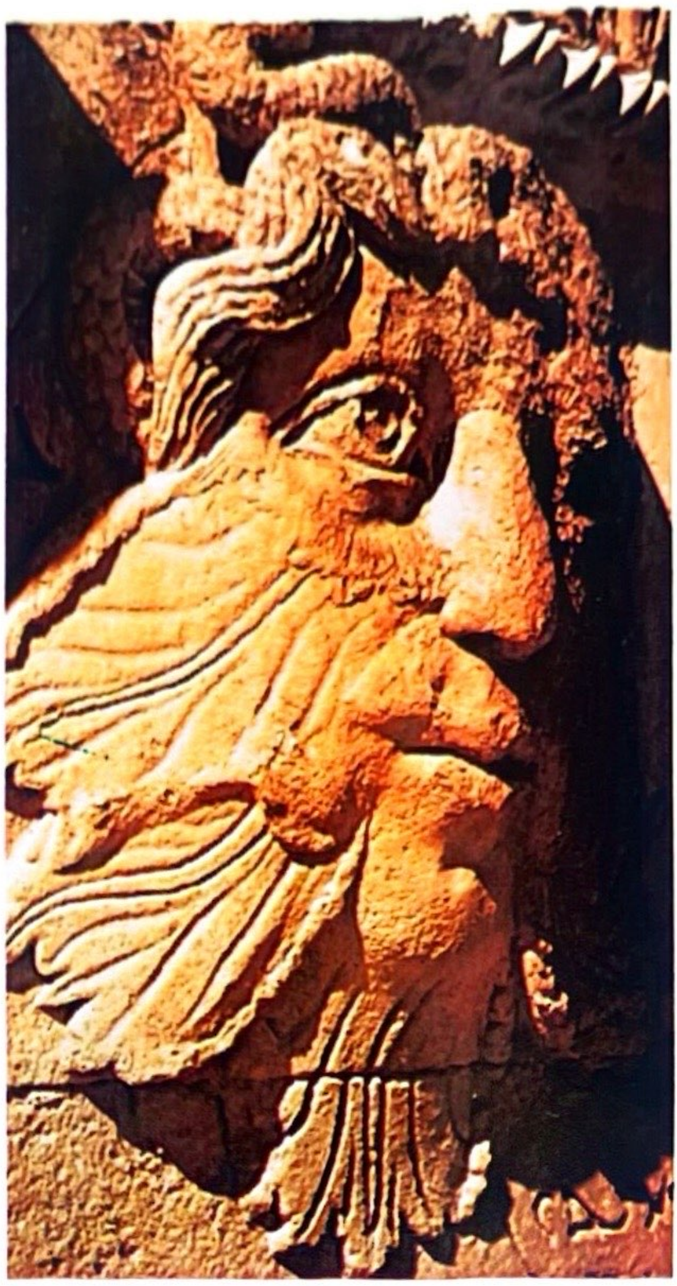
Daquela primitiva organização social, o país partiria para etapas resplandecentes de sua vida, dando vida ao elo civilizador que, em contato com outras civilizações, serviriam para integrá-lo à harmonia da Criação.

Os nomes de Assur, Nínive, Nimrud, Dur Sharrukin... constituem outros tantos diademas da civilização assíria, caracterizada por sua extraordinária obra de construção de cidades, ricamente ornamentadas com templos e palácios...

Uma mostra do esplendor com que os assírios se compraziam em enriquecer suas cidades, é oferecida pelo **Palácio de Assur Nasirpal II,** também conhecido como "Palácio do Noroeste", de duzentos metros de largura por cento e trinta de comprimento (abrigava a área administrativa do Império, a Sala Real e as dependências da corte). Sua entrada é vigilada desde muitos séculos por touros com cabeças de homem e leões com asas de falcão, trabalhadas em pedras e acopladas em baixo-relevo ao muro, guardando, assim, segundo a psicometria, a memória latente dos acontecimentos de uma civilização historicamente dividida em três períodos: a contemporânea do Antigo Império Babilônico, a Medieval e, enfim, a Imperial, concluída no ano 613 antes de Cristo.

Em 2350 antes de Cristo, os Acádios predominavam na atual terra do Iraque, sendo sob seu domínio que a Babilônia começou a construir-se. Embora chegasse a tempos de grande esplendor e importância cultural no mundo conhecido de sua época – teve, inclusive, contatos comerciais com a China através de alguns reinos da Índia – a cidade, inicialmente, foi superada por outras populações da Mesopotâmia. Teria, pois, de esperar até a Terceira Dinastia para iniciar seu curso ascendente, o que ocorreria principalmente com o grande Rei Hammurabi, cujas inquietudes de legislador reformista o levaram a ditar seu célebre Código, primeira peça jurídica dedicada a legislar no campo da justiça social. Hammurabi viveu entre os anos 1792 e 1750 antes de Cristo. Foi, no entanto, mais tarde, já com os Caldeus que a Babilônia brilhou como um dos maiores reinos da Terra, graças, principalmente, à grandeza de ânimo de Nabucodonosor (605-563 a.C.), que, entre outras obras transcendentes, ordenou a resconstrução da cidade, conferindo importância capital a sua linha de fortificações e aos múltiplos templos que continha. Na foto, a Porta de Ishtar e a Rua das Procissões.

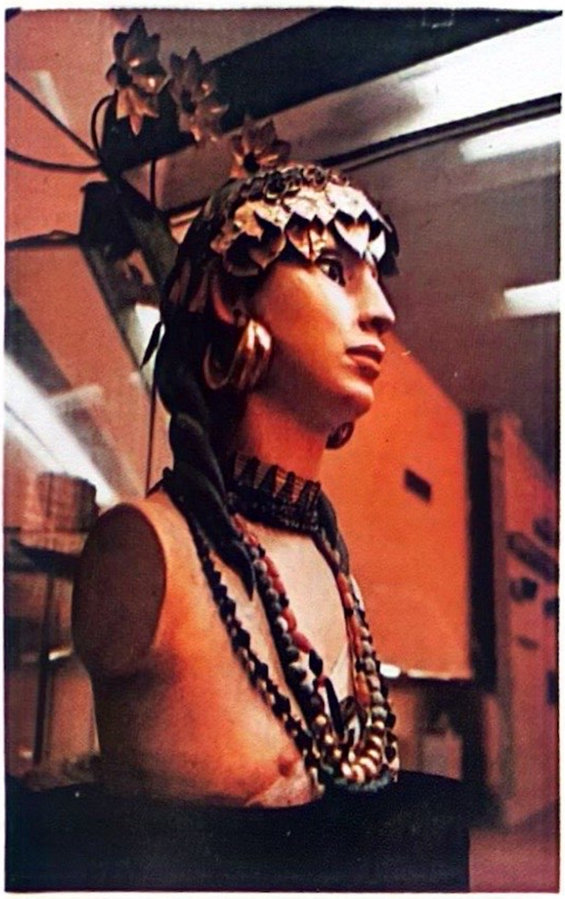




A 27 quilômetros da rodovia que une Bagdá à região petrolífera de Mosul, e a 80 quilômetros ao sul desta, o visitante do Iraque pode parar ante as ruínas de Hatra, o Reino que começou como uma incipiente cidade, por volta do ano 300 a.C. De Hatra. Dizem os historiadores que, "quanto ao conteúdo arquitetônico, escultural, político e militar, não era menos importante que Roma". O certo é que a cidade foi erigida como um elo entre as mais importantes cidades árabes de sua época: Palmyra (Síria), Petra (Jordânia) e Baalbeck (Líbano). O Reino foi fundado em 156 a.C., e seus reis, árabes, ali combinaram o exercício de uma autoridade baseada tanto na lei religiosa como na profana. Seu povo desenvolveu um alto sentido arquitetônico e escultural, tal como se pode apreciar nesta cabeça humana acoplada a um dos palácios reais.

O povo do Iraque edificou sua atual cultura ao longo dos milênios, assimilando, de todas elas, valores vitais, como o da Beleza. Ainda em tempos absolutamente primitivos, no despertar da Humanidade, quando os homens habitavam ainda grutas que a natureza lhes presenteava, o "Homem da Mesopotâmia", há 50.000 anos, adquirira o costume de espalhar sementes florais em volta das sepulturas familiares. Mais de quarenta e cinco mil anos depois, em 5.200, esse mesmo povo criaria as primeiras formas de escrita conhecidas: a iconográfica, logo transformada em cuneiforme. Durante o esplendor assírio, na cidade de Nimrud, produziu-se este baixo-relevo no qual se apreciam rastros daquela forma de escrita combinados com a arte realista.

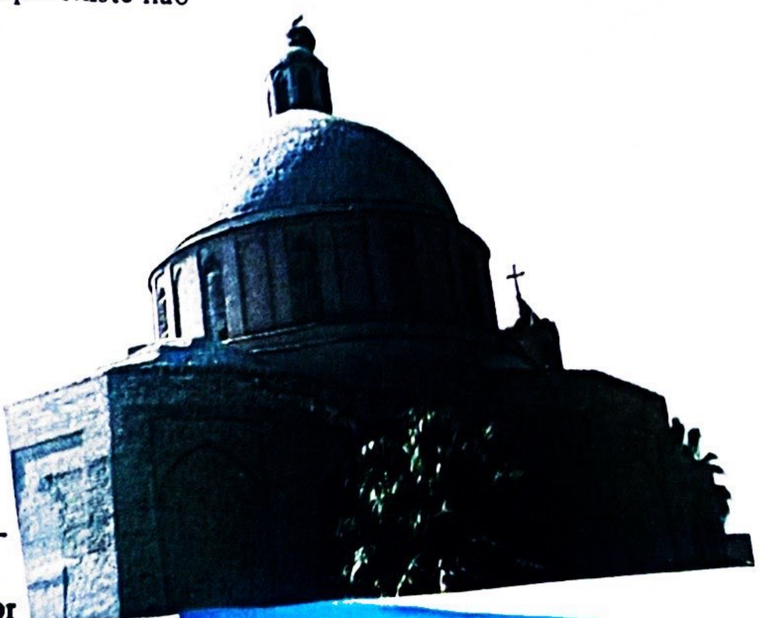
Claro que o brilho da Babilônia possuía antecedentes notáveis, além dos assírios, conforme já vimos. Entre os anos 4.800 a 4.350 a.C., conhecidos na história do Iraque como os do "Amanhecer Dinástico", originou-se a Dinastia Ur, com três fases distintas entre si pela superação cultural, pelas contribuições que as sucessivas gerações de seu povo fazem ao conhecimento geral. Essa dinastia, estabelecida no sul do país, viu pesar sobre si o poder hegemônico dos Acádios que, entre 371 e 2143 a.C., conseguiram a unidade de todas as regiões iraquianas, sendo considerados os primeiros árabes a estabelecer um império, já que sua autoridade se estendeu até o Irã, Anatolia e Síria. Houve, todavia, um retrocesso na elaboração cultural do Iraque com a invasão dos persas, considerados na época "os bárbaros do norte". Mas, os Sumérios restabeleceram a unidade iraquiana, havendo-se destacado, dentre todos, Gudea, Governador de Lagash. Daí se partiu rumo ao estabelecimento da terceira dinastia Ur (2112-2004 a.C.), cujas principais figuras foram Urnammo e Shulgi, príncipes que favoreceram a literatura e as artes esculturais.



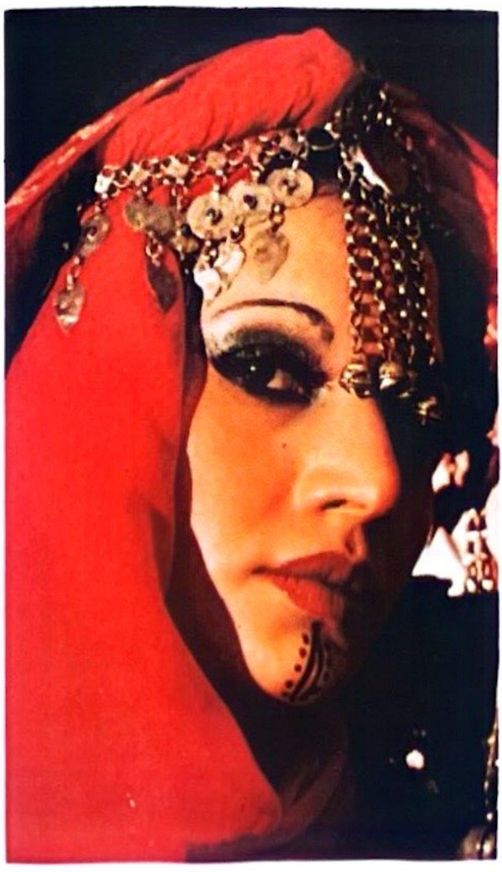
Na foto, a escultura de uma Rainha com suas jóias, da primeir dinastia (4 500 a.C.), Ur, tal como encontrada nas escavações realizadas por missões antropológicas iraquianas.

Conforme fica explicado, o Iraque foi, desde a mais tenra antiguidade, um pólo de atração para os diversos povos que o habitaram e que, em sua terra, e nos mais opostos climas e paisagens, desenvolveram hábitos em torno de idéias centrais, de concepções éticas e conteúdo cultural, de tal modo enraizados e aprimorados que o tempo transformaria, em toda sua amplitude, em civilizações irradiantes. Esse fato histórico – o de contatos de distintas civilizações que se foram sucedendo no correr dos milênios – permitiu que a personalidade do Iraque contemporâneo fosse amadurecendo, afirmando-se, consolidando-se, num clima que, mesmo tendo passado por enfrentamentos em torno de interesses políticos, econômicos e militares, resultou numa extraordinária apreensão dos traços mais destacados de cada uma das civilizações, desde a suméria – que criou a primeira civilização, cerca de 4.500 anos a.C. – até a árabe, que englobou todas as antecedentes, transformando-as, incorporando-as a si mesma.

Essa completa relação dos povos que enformam o Iraque de nossos dias, permitiu, por sua vez, o florescimento da tolerância em todo sentido. No Iraque, efetivamente, não existe qualquer discriminação. Todos os que nascem em seu solo são iraquianos, membros da Comunidade Árabe. Por isso, **contrariamente a outras regiões do mundo dominadas pelo fanatismo, que opõem a Fé à Razão,** no Iraque existe não apenas tolerância ampla e total para que cada pessoa pratique os cultos de suas respectivas religiões. Existe, sobretudo, um "climax" espiritual, um elo cultural que transforma todos em irmãos, numa mesma Terra e num destino nacional árabe. **Por isso podem conviver católicos-caldeus junto com ortodoxos gregos e maronitas de origem libanesa, ao lado da imensa maioria da população que pratica os ritos da religião islâmica.** Todas as igrejas cristãs possuem templos, como o que mostra a fotografia, erigido em Bagdá, sempre vibrantes com fiéis e guiadas por seus respectivos pastores. Isso implica ainda a existência de escolas religiosas de cada um desses credos cristãos. Os muçulmanos, por sua vez, possuem centenas de mesquitas onde proferem suas orações, como a de Al Malwiya – nas próximidades da antiga cidade de Samrrah ("agrada a quem a olha") – um dos mais belos monumentos arquitetônicos do país.



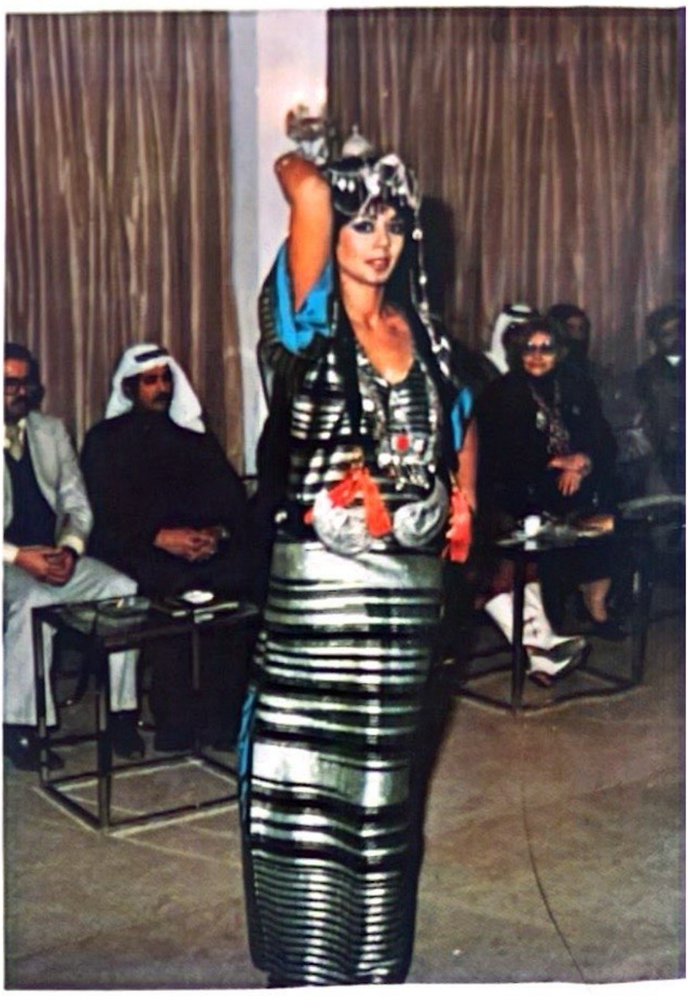
Geograficamente, o Iraque se situa na Península Arábica, que ocupa a parte sudoeste da Ásia, prolongamento natural do Iraque, continuando a estrutura geofísica iraquiana. Em termos de latitude, o Iraque está na região sul da Zona Nórdica modernada, entre os pontos 29,5 e 37,25º, com as longitudes a 38,45 e 45,48º. Seu território, de 438.466 km^2, se divide em 18 Províncias, com Bagdá – a fomosa capital do Grande Harún al-Rashid nas duas margens do rio Tigre, na região central. Ao norte, nosso país limita-se com a Turquia; com a Síria e a Jordânia no oeste; com a Árabia Saudita, Kuwait e o Golfo Arábico, no Sul. A leste está o Irã.
Por sua posição, o Iraque, desde a Antiguidade, foi o caminho para a Ásia, a África e a Europa, assim como a terra firme entre o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo. Essa posição geopolítica converte o Iraque em território dos mais variados climas, como se pode apreciar nestas duas fotografias. Se, por um lado, o país que contém tantos desertos, está flanqueado por altas montanhas, sempre nevadas, no norte e nordeste do território, por outro, possui grandes lagos interiores, originados da época em que o Golfo Arábico começou a voltar-se para o sul.
A "Região dos Pântanos", como é conhecida, se estende ao largo das províncias sulistas de Qar, Misan e Basora, tendo dado lugar a toda uma cultura que se manifesta entre outras coisas, pelas originais populações lacustres, onde um bom número de pessoas vivem de modo permanente.



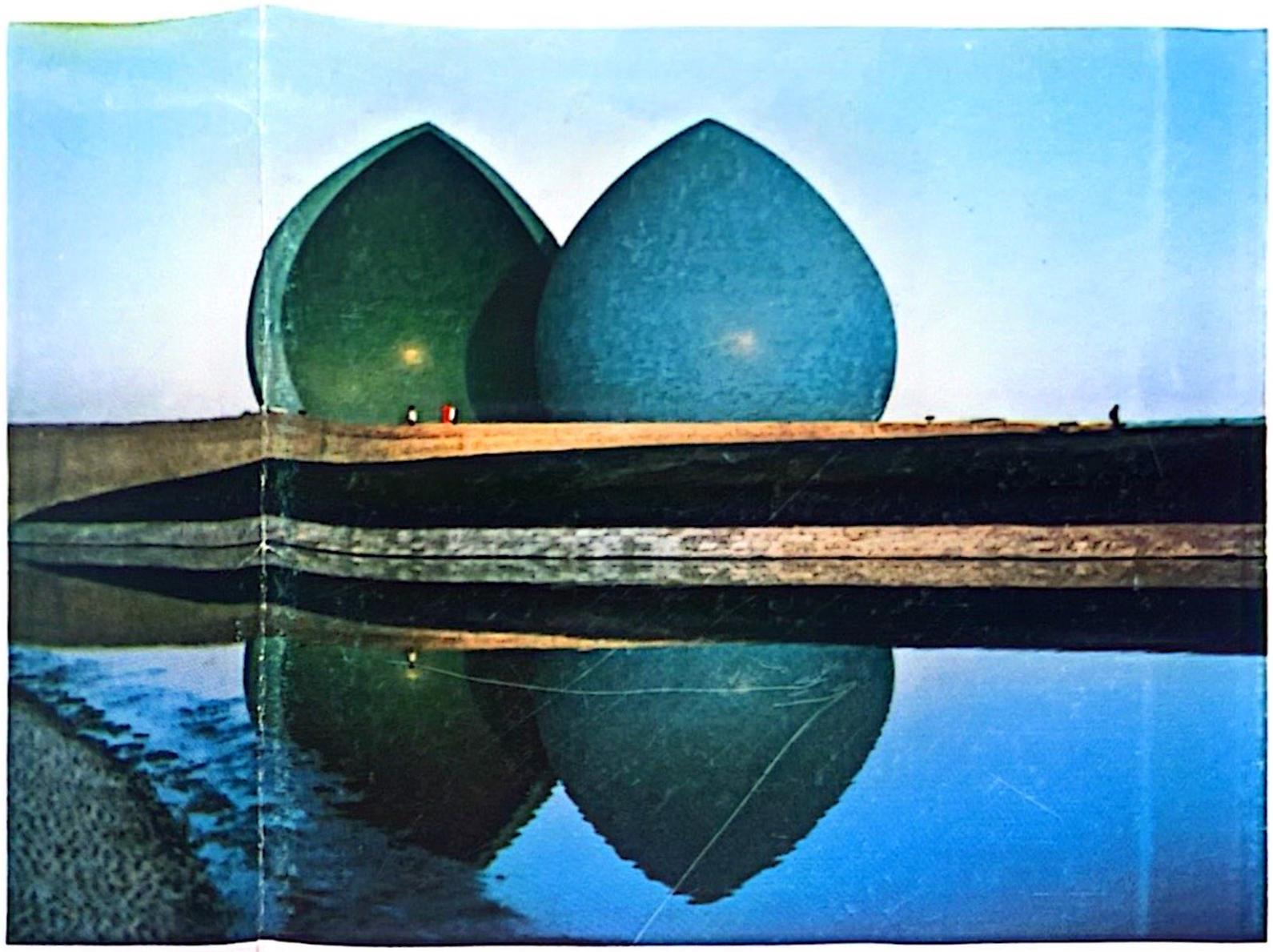
Um rosto belamente árabe, realizado pelo colorido da vestimenta iraquiana. Todo o mistério da alma feminina pode esconder-se atrás deste olhar que reflete a alma apaixonada de uma raça. Este rico esplendor do rosto, delicadamente cuidado e exaltado, não é empecilho para que a mulher do Iraque assuma as mais modernas profissões e colabore diretamente na tarefa do engrandecimento nacional. A mulher iraquiana, com efeito, foi promovido como ser humano, situada no plano de dignidade pessoal e social que, como ser humano, lhe cabe. E para tanto, para desempenhar as atividades de cidadã livre de um país que constrói sua liberdade com garra, não deve renunciar a nenhuma das prerrogativas que, como mulher, sempre a distinguiram.

Mais dois flagrantes da participação social da mulher na realização do Iraque de todo dia. Voluntárias do Partido Baas, Árabe e Socialista, predominante no povo, ajudam a construir escolas – um dos principais esforços do Governo de Saddam Hussein recai justamente sobre a expansão da educação em todas suas manifestações – nas quais, conforme vemos na outra foto, mulheres de todas as idades, estudam e se preparam para a participação da vida de um país que, nada obstante sua acrisolada antiguidade, se sente jovem, pujante e determinado a irromper no nosso mundo de mudanças . . . nos tempos vindouros.

O Governo de Saddan Hussein se empenhou a fundo numa empolgante campanha de alfabetização. Depois de um certo tempo em que o país fora submetido pelo colonialismo e pela existência de uma classe dirigente alheia ao bem-estar do povo e a sua necessidade de justiça social, o Partido Baas, Árabe e Socialista, iniciou o trabalho de base da redenção iraquiana, assentada sobre cada um dos membros da comunidade. As mulheres ganharam assim acesso aos planos da educação pela via da alfabetização. Muitas delas, donas de casa, mães e até avós, puderam realizar-se plenamente, assistindo a cursos especiais em escolas secundárias e profissionais. Um exemplo disso se reflete, como em qualquer país de nossos dias e, a bem da verdade, impõe-se dizer que isso sempre ocorreu –na moda, que ocupa no Iraque uma respeitável parte da atenção pública. Aí, a mulher iraquiana é também protagonista, tal como pode apreciar-se na fotografia, correspondente a um desfile de modelos clássicos organizado pela "Dar Al-Azia' a Al-Iraqi" (A Casa da Modo do Iraque), organismo de índole cultural destinado a preservar, acrescentar às peculiaridades do país nas vestes de sua gente.



Mostramos até aqui em seus traços fundamentais, a formação da cultura iraquiana, o estilo de vida de um povo que pode reclamar, com indissimulado orgulho, pertencer a uma civilização sedimentada no correr dos milênios. O Monumento à Memória dos Mártires, erigido na cidade de Bagdá, no ano de 1983, constitui uma prova de riqueza ética e espiritual deste antigo país, parte integrante da Nação Árabe. Trata-se de uma obra arquitetônica destinada a preservar a heróica memória daqueles que sofreram martírio pela Pátria. A parte interna consiste de dois pavimentos reservados a diversas atividades culturais e artísticas, constando de salas de estudo, conferências e exposições, além de bibliotecas e um complexo teatral-cinematográfico de primeira ordem. A cúpula externa, coroação da obra, de 53 metros de altura, dividida em duas, inspirada na clássica Cupula de mesquitas, converte-se aqui no espaço Tempo-Espírito, pelo qual as almas dos mártires ascendem ao Paraíso. Possui uma conotação muito especial do caráter iraquiano, representativa da fé com a qual este povo – cada homem e cada mulher do Iraque – assume a presença de Deus e da Pátria em sua existência cotidiana, vivida com alegria e também com responsabilidade, com o pleno conhecimento de que a Deus e à Pátria se honra com a Virtude, o Trabalho e o Sacrifício.



O povo iraquiano é excepcionalmente alegre, participante, possuído por esse rasgo essencial da Vida chamado plenitude, realização como Pessoa dentro da Comunidade. O folclore, em suas expressões musicais diversas, apresenta-se, ao mesmo tempo que profundo, colorido, como resumo harmonioso vital do Ser Nacional. Homens e Mulheres dos povos de interior iraquiano celebram, em distintas datas, encontros nacionais de música, canto e dança. Reúnem-se, então, para mostrar os esplendores de suas regiões e exaltam, num bem afinado ritmo de união fraternal, o amor à terra natal

e sua predisposição de manter-lhe firmemente a projeção físico-espiritual.

Os estádios iraquianos, palco de competições regulares de variadas modalidades esportivas, incluindo o futebol, costumam ser cenários de encontros populares com as autoridades do Governo, com a liderança política nacional e a pessoa do Presidente Saddam Hussein. É assim que se celebra, entre outras demonstrações igualmente coloridas e concorridas, o aniversário da Revolução de 17/30 de julho de 1968, que marcou o início da libertação nacional e social do Iraque.

EXPEDIENTE

DIREÇÃO: Departamento de Imprensa da Embaixada do Iraque no Brasil
PRODUÇÃO E TEXTOS: Raúl Jassén
CARTAZ DA ESPOSIÇÃO: Ione Rodrigues Ferreira
DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL: FélixValois
REPRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS: Luciano de Moura Jr.
Fotografias fornecidas pelo Ministério da Informação e Cultura do Iraque
FOTOLITOS: POLICOR
IMPRESSÃO: GEPRIL

Brasília, Abril de 1985